

O ESPELHO

Revista de litteratura, modas, industria e artes

DIRECTOR E REDACTOR EM CHEFE, F. ELEUTERIO DE SOUSA.

SUMARIO—1859—1860—Uma questão de fóro—Um panteão em miniatura (Henrique Dias)—Romance, O testamento do Sr. Chauvelin—O cabo transatlântico (Curiosidades dos tempos antigos e modernos)—O Templo e o cemitério.—O collar de perolas.—Revista de theatros—Poesias, No album de minha afilhada Branca Rosa Americana, Jacques Rolla, Vem, — Moscou.

1859—1860.

Escrevo entre dois crepusculos. 1859 que agonisa, e 1860 que se levanta no horizonte.

E' a hora das despedidas solennes e das graves accusações. 1859 desce ao abysmo do passado como um ministro, entre as maldições da opposição e a indiferença dos proprios amigos. 1860 estréa no mundo, verde como a primavera, adorado como Fo, e beijado como uma primeira carta de amor.

Sigamos o exemplo universal. Demos tambem a nossa maldição ao moribundo, e enfeitemos de flores esse galhardo menino que parece um iris de melhores dias.

Até com os annos, meu Deus! Os assyrios são a mais eloquente imagem da humanidade. Adoraram as estatuas, mas quebrem-lhes o pedestal, os Hunos amanhã dormirão sobre ellas.

E' indolo ou destino?

1859—foi um anno bem mau! nasceu tambem entre carinhos, mas como todos os irmãos, degenerou, fez-se rabugento, ingrato, cruel, sem nos perdoar um só dia, uma só hora!

Felizmente não era bissexto.

O que houve de bom nesse largo ciclo? Faça

uma vista retrospectiva, leitor, e verá se é possível haver anno, mais indigno das nossas bençãos?

Felizmente la vai, velho e decrepito, arrastado ao bordão da eternidade, dormir para sempre longe das nossas vistas.

Julio Cesar foi um parvo em inventar os annos! Dividio a eternidade em Caligulas medidos e implacaveis como um juiz de paz novato. Agradeça-lhe a humanidade a lembrança.

Esse de 1859 foi uma verdadeira calamidade em todas as partes do planeta. Na Europa assistio frio e impassivel á celebração de um tratado de paz regado com sangue, tratado que libertando a formosa e pallida Italia, ennevoou mais e mais o horizonte do seu futuro politico e social. Na America revolveu as aguas do Prata, e preparou as probabilidades de uma rusga que não promette bom desfecho.

Maldito anno! natureza de tigre que se manteve de sangue humano, e que se comprazeu em ver jogar as cabeçadas; faminto como um vereador, experto e violento como um deputado da opposição, e aborrecido como um folhetim!

Não deixa saudades.

Teve farta a sinecura; pôde ir dormir descansado. Deitou o pomo de discordia no mundo da arte, pôde carregar com os frutos da sua lembrança!

Agora novo combatente chega aos arraiaes.

E' 1860, Benjamim da eternidade, onfeitado e confeitado como um presente de festas, folgasão

como a pascoa e interessante como uma viuvez de vinte annos.

Isto sim!

Traz no céu azul esperanças de melhor viver para esta pobre humanidade. Em uma mão vê-se-lhe o escopro com que vem concluir a obra collossal do rasgamento de um istmo, na outra a oliveira da paz.

E' um anno de mão cheia! Advinho-lhe os dias cor de rosa, e lamento que não seja maior apesar mesmo de bissexto.

E' por isso que o saído cheio de unção e esperança, e comigo todos os que sentem alguma cousa que os impelle para o futuro.

Ainda que irmão do outro, não lhe tem nem a índole nem a fatalidade. Este ha de dar unidade à Italia, marido às solteiras, pastas à opposição e materia aos folhetins!

Traz a cornucopia das felicidades, mereço os cultos de todos nós, de mim e dos leitores.

O céu estava enublado; um iris se projecta pelas sombras e abre aos olhos parte de um paraíso em que vamos entrar.

Com os leiteres entra tambem esta querida e beijada revista, que apesar da má vontade e alguma opposição surda vai caminhando com um futuro risonho em perspectiva.

Esta opposição, esta má vontade não tolherá os passos do *Espelho*, a continuar a animação que do nosso publico tem até hoje merecido. Os *aristarchos* da epoca e os despeitados por algumas verdades que não está em nosso caracter occultar, quando se tem de tratar de qualquer dos assumptos insertos no nosso programma, são pequenos de mais para fazerem-nos sombra.

Continue o publico a prestar-nos o acolhimento que nos esforçamos sempre por merecer, que o *Espelho* ainda terá longos dias de vida, e atravessará incolume o novo anno em que entra hoje.

Deus o faze bem.

Salve, 1860!

Ophir.

Uma questão de fóro.

II.

Os Srs. tenente-coronel Carvalho e A. May.

Esta questão forense cuja noticia já demos no numero anterior é clara em seus termos e facil na resolução.

Trata-se de saber si um homem que na plena administração de seus bens constituiu obrigações legaes, pôde eximir-se de cumpril-as, sob um pretexto qualquer.

Esta é a questão em toda a sua nudez.

O tenente-coronel Joaquim José de Carvalho emprestou a Luiz do Azambuja May varias quantias, que com os respectivos juros depois de algum tempo montavam á consideravel importância de 22 contos.

Luiz de Azambuja May no intuito de assegurar ao credor o real embolso d'aquella somma accceitou-lhe letras a prazos diversos e ao mesmo tempo assignou perante um notario publico uma escriptura de confissão da divida e hypotheca.

Entre a data do accceito das letras e da escriptura e o dia do vencimento decorreu um consideravel lapso de tempo. Durante esse periodo nem May, nem parente seu algum, nem sua propria mulher, que posteriormente foi nomeada sua curadora, nem algum de seus protectores lembrou-se de fazer particular ou judicialmente reclamação alguma relativamente á legitimidade da divida.

A lei protege aquelle que confessa por escripto ter recebido dinheiro que realmente não lhe foi entregue, como um remédio reconhecido — a excepção *numerata pecunie*.

Entretanto nem o Sr. May, nem pessoa alguma por elle lembrou-se de oppor-se á divida alludida dentro do prazo legal.

Si a divida era falsa, como hoje pretendem, si tinham certeza de que May não havia recebido as sommas de que fallam as letras e a escriptura porque não correram pressurosos a empregar um remedio, que mudava de improviso a posição de Carvalho para peor, envolvendo-o na dura necessidade de provar a divida, por outros meios que não pelas letras e escriptura, que d'esta arte perderia toda sua força?!

Terminando o prazo do vencimento da ultima das letras, Carvalho diante da recusa do prompto pagamento teve de recorrer á juizo para tornar effectiva uma obrigação legalmente contrahida.

Uma grande surpresa, porém, lhe estava preparada. Por parte de May allegou-se como motivo relevante que elle era idiota ou sandeu, e consequentemente incapaz de contrahir obrigações. Não se parou ali; foi-se adiante; accres-

ou-se que a divida não era real sinão phantasma.

Para quem conhece o Sr. May desde os seus primeiros annos até os dias de hoje, semelhante conjectura excederá tudo quanto pôde aventurar a extraordinaria ousadia.

Este ponto da questão inspira-nos o maior interesse. Aqui a questão não é simplesmente fidejussoria, não envolve unicamente o interesse das partes litigantes; vai entender directamente a moralidade do governo.

Entende-se que o Sr. May é uma dessas naturas infelizes que nunca viram despontar seu espirito a luz da razão; affirma-se arrogantemente que o Sr. May nasceu idiota ou sandeu!

Bem, o Sr. May exerceu por vinte e tantos annos o cargo de official da secretaria d'estado dos negocios da marinha; trabalhou mesmo no gabinete de um dos ministros que durante largo tempo occupou a pasta daquelle repartição.

Se o Sr. May é o foi sempre idiota ou sandeu, os homens serios devem levantar um brado de condemnação aos ministros negligentes que o empregaram e conservaram por tão longo espaço de tempo em um lugar, para o qual a lei exige intelligencia e certas habilitações litterarias.

Pois que! o Sr. May era um idiota, um sandeu, e nenhum de tantos ministros que se succederam na repartição da marinha cumpriu o seu dever, demittindo-o?!

Aquelles que tiveram a feliz lembrança de oppor ao Sr. May de idiota ou sandeu, articularam contra a maioria dos estadistas que tem occupado a pasta da marinha uma censura vementissima, mais iniqua do que essas com que os partidos politicos, em exaltação das paixões, profigam seus adversarios do poder.

Sobre este ponto de vista a materia sobe de importância e pede maior desenvolvimento.

No numero seguinte continuaremos.

Um Pantheon em miniatura.

I.

Henrique Dias.

Lembrar os nomes daquelles que serviram a patria, que lho deram sangue e vida, que a tornaram livre e independente, o que a enchem de triumphos e gloria é cumprir com um dever.

Rasgar o véo do esquecimento, recordar os nomes gloriosos de um paiz, revolver os tumulos, sacudir o pó dos sepulcros para descobrir as corôas, as glorias da patria, é ter patriotismo; e o patriotismo é uma virtude.

Mas é triste dizer que entre nós, quasi que se não conhece essa virtude... O patriotismo é considerado palavra vã; e se apparece algum dia, brilha um só instante, como esses fogos de cores, que depressa se apagam no ar.

Tudo cae em esquecimento, tudo se perde entre nós, não ha reminiscencias do passado, desprezamos tudo o que é nosso, até a nossa historia...

Percorrei as provincias, as cidades, as praças, e não achareis uma lembrança, um tributo do amor patrio, um obelisco, uma columna, onde exista gravada no marmore ou bronze a gratidão do paiz, por aquelles, que deram liberdade e gloria á patria. Nem nos jazigos grava-se o nome dos nossos heroes!

Entretanto o Sr. Varnhagem diz: «A gratidão nacional pelos seus heroes é não só nobre como civilisadora; favorecei ao menos a memoria dos vossos heroes, dos vossos escriptores, dos vossos artistas, e a nação terá artistas, terá escriptores, e terá heroes.»

Façamos o tempo retroceder tres seculos, e vamos lembrar o nome de um filho de nossa patria, que foi um dos nossos primeiros heroes.

Henrique Dias era de cor negra, e natural de Pernambuco; nenhum autor falla da idade desse homem, nem do lugar em que nascera.

Elle apparece em 1633, á testa de 35 negros, e offerece os seus serviços a Mathias de Albuquerque.

O seu valor, a sua intrepidez e coragem o fazem logo conhecido de todos os seus companheiros d'armas, e temido dos seus inimigos.

No lugar de mais perigo, na acção a mais ariscada, na empreza a mais difficil, apparece esse homem fogoso, temerario e invencivel. Dotado de grande força e coragem era um bravo como os das Thermopylas, nunca recuava. Em diversas sortidas contra os inimigos, *mata á espada, á espada 5 adversarios.*

Em 1637 distingue-se na batalha de Porto Calvo; ali é ferido na mão esquerda, o por fazer a cura mais breve, para continuar a bater-se contra os estrangeiros, a mandou cortar, dizendo: A mão direita ainda me fica para servir a meu Deus e ao meu rei; e para minha vingança saberei tornar em uma mão cada um dos dedos da que me resta.»

Era Mucio Scaevola que sacrificava-se pelo seu paiz.

Na primeira batalha dos Guararapes dada em 19 de Abril de 1648 mostrou-se verdadeiro soldado, desbaratou os inimigos e cobrio-se de gloria.

Na segunda batalha desso nome, que teve lugar em 19 de Fevereiro de 1649 bateu-se como um heroe, procurou os perigos, e soubo ven-

cel-os todos; ainda ali perdeu sangue pelo seu paiz, sendo pela segunda vez ferido.

Em uma outra batalha depois de ter assumbrado e desbaratado o inimigo, foi ferido em uma perna.

El-Rei pelos seus serviços lhe dá o foro de fidalgo, larga tença, posto de mestre de Campo, e o habito de Christo.

Mandado para a estancia de João Velho Barreto torna-se o terror do inimigo; cada dia faz uma sortida, cada dia conta um triumpho. Em Guarairas toma uma fortificação, em Cunbau outra. Parece o anjo da guerra perseguindo os adversarios do seu paiz.

Enviado para bater o forte do Rio Grande, construido pelos Hollandezes, avança de noite contra o inimigo, atravessando elle e os seus com agua pela cintura charcos profundos. A victoria foi delle, e o forte arrasado.

Apesar de viver entregue á guerra, não se esquecia da religião de seus pais; festeja no seu acampamento Nossa Senhora do Rosario.

Era bom christão e homem de alma bemfazeja e de coração benevoló.

Capitão destemido, tornava-se algumas vezes temerario, e era preciso a advertencia dos seus para poder contel-o.

Por tão assignalados serviços foi feito mestre de Campo de um terço de Ordenanças de homens negros na Bahia, que jamais se extinguiria e que se appellidaria de Henrique Dias.

E o seu nome tornou-se tão popular, tão digno da veneração da patria, que foi dado a todo regimento de homens de cor negra, chamando-se esses regimentos dos Henriques, por abbreviação de Henrique Dias.

Entretanto de tão grande heroe não houve noticia depois de concluida a guerra hollandeza; não se sabe se morrerá no fim dessa guerra, ou se logo depois! E onde está o seu jasigo; qual a cidade, o rio, o monte, que lembra o seu nome; onde a estatua, a columna levantada á sua memoria, onde a corôa que a patria lhe offerecêsse?

Não o sabemos.

Perguntaremos com o visconde de Almeida Garret.

*E a patria, por quem tanto hão feito
Que digno premio lhes ha dado?*

MOREIRA DE AZEVEDO.

O TESTAMENTO DO SENHOR CHAUVELIN.

ROMANCE

DE

ALEXANDRE DUMAS.

VIII.

JURAMENTO DE JOGADOR.

(Continuação)

Bonbonne começou a ler um por um todos os artigos do projecto, e o marquez que attentamente o escutava mostrava-se cada vez mais satisfeito.

— O projecto é excellent, disse elle afinal, e tanto mais que assegura á marqueza trezentas mil libras annuaes, isto é, o duplo do que actualmente percebe!

— Então approva?

— Completamente.

— Neste caso vou tirar uma copia...

— Sim, uma copia, tire-a já, Bonbonne.

— Ora veja como são as cousas! gastei meia hora para lê-lo e agora é preciso pelo menos uma para copial-o.

— Ah! Bonbonne, se soubesse como estou impaciente!... Olhe, vá ditando que eu mesmo escrevo.

— Esta é muito boa, marquez: com os olhos injectados como estão, um quarto de hora de applicação lhe faria adoecer.

— E o que hei de fazer então enquanto escreve?

— Vá passear com a Sra. marqueza, respirar o ar livre do campo.

O marquez seguiu o conselho com alguma repugnancia; e no entanto sentia-se incommodado e agitado.

— Tranquillise-se, disse-lhe Bonbonne. Recieia por ventura que não lhe reste tempo para assignar? Foi unicamente uma hora que lhe pedi, e descanso, que ha de viver ainda pelo menos sessenta e um minutos.

— Tem razão, replicou o marquez descendo; tem razão.

A marqueza já o estava esperando. Vendo-o mais calmo e com a physionomia mais expansiva:

— Muito bem, disse ella, já sei que trabalhou muito.

— Oh! muito e bem: e espero que ficará tão satisfeita como os seus filhos.

— Tanto melhor: agora vamos passear, que isso lhe fará bem. Se soubesse como os criados estavam contentes quando preparavam a sua cama!

— Marqueza, passarei hoje uma noite como ha dez annos não me aconteceo. Mas não pensemos nisto que o excesso do prazer pôde fazer-me mal.

— E julga que esse contentamento será duradouro?

— Sim, sem a menor duvida. Oh! se o rei não se lembrasse mais de mim seria uma fortuna.

— E então por que suspira quando diz isto?

— Porque gosto do rei, marqueza, por que sou muito seu amigo...

Não acabou: o tinir das ferraduras sobre as pedras de um cavallo que chegava a galope ferindo-lhe os ouvidos fez com que elle interrompesse o que ia dizer.

— Quem será? perguntou.

— É' um correio que chega a toda pressa; será vosso?

— Não, e acho isto bem extranho! Um correio hoje, a esta hora, não pôde vir senão da parte do...

— Do rei! murmurou a marqueza empallidecendo.

— Da parte do rei! exclamou o correio entrando.

Do rei!

E o Sr. de Chauvelin precipitou-se ao encontro do importuno correio que entregou-lhe uma carta.

O marquez offerceu-lhe vinho em um copo de ouro, testemunhando com esta honra o respeito que a realza merecia, inda sendo representada na pessoa de um criado. Depois leu o que se segue e que vinha escripto pelo proprio punho do monarca.

« Meu amigo.

« Ha vinte e quatro horas que partio e já me parece que não lhe vejo a mezes. Os velhos que se estimam não devem viver distantes. Ando muito triste; necessito de sua presença, por tanto venha; não mo prive de um amigo sob o pretexto de querer defender minha corôa: é este o meio mais seguro de atacal-a. Com a sua presença ella se tornará mais firme, eu a sentirei mais segura que nunca. Venha.

« Se amanhã quando accorder eu lhe vir, será isto o prognostico de um dia feliz.

« Seu muito dedicado

« Luiz.»

— O rei manda-me chamar, disse o marquez commovido, e é preciso que parta immediatamente... Apromptem a minha carruagem...

— Oh! exclamou a marqueza; tanta pressa depois de tão doces promessas!

— Mandarei sempre noticias minhas, respondeu-lhe o marquez.

— Sr. marquez, a copia está prompta, interrompeu Bonbonne vindo com passo apressado.

— Bem, muito bem.

— Agora só falta assignal-a, e se quizer ler segunda vez...

— Não, agora não tenho tempo, fica para depois.

— Para depois! Mas lembre-se do que ha pouco dizia, Sr. marquez!

— Deixe-se estar, que ainda não me esqueci, Bonbonne.

— E como quer adiar?

— O rei não pôde esperar.

— E por isso esquece os seus filhos, esquece o futuro de sua familia?...

— De nada me esqueço, Bonbonne, mas o que quer? E' preciso partir e já. Meus filhos, o futuro de minha familia, pois não está tudo decidido já?

— Falta a sua assignatura, nada mais do que a sua assignatura.

— Quer saber uma cousa, disse o marquez radiante de alegria, acho-me tão resolvido a concluir esse negocio que ainda que estivesse para morrer do outro lado do mundo (e não é perto!), havia de vir até cá para dar a minha assignatura. O que quer ainda? não está satisfeito?

E abraçando ás pressas seus filhos e sua mulher, esquecido de tudo o que não fosse o rei e a corte, correu, agil como um rapaz de vinte annos, para sua carruagem que immediatamente rodou, conduzindo-o para Paris.

(Continúa.)

Curiosidades dos tempos antigos e modernos.

O cabo transatlantico.

A telegraphia electrica submarinha data de hontem e no entanto ja invadio o mundo.

O primeiro de todos os cabos telegraphicos é o de Douvres a Calais, e começou a funcionar a 20 de Setembro de 1851. O seu comprimento é de perto de trinta kilometros e o diametro de tres centimetros.

O segundo cabo submarinho é o que une a Inglaterra á Irlanda, tendo uma de suas extremidades em Howth e a outra em Haly Head.

Desde a época da collocação d'estes dois cabos a telegraphia tem feito taes progressos que em menos de cinco annos invadio o orbe inteiro.

No Oriente os inglezes caminham pelo Medi-

terraneo e Mar Vermelho communicando as suas possessões das Indias com a Inglaterra. No Occidente atravessam o Atlantico e ligam o fio electrico ás linhas que atravessando a America fazem communicar a Europa com o Oceano Pacifico, unico espaço a franquear para que a terra fique completamente cercada.

O fio que deve ligar a Sicilia a Napoles já foi collocado: a França poz-se em contacto com a sua bella collonia algeriana atravez do Mediterraneo; cabos collocados de um e outro lado do Báltico atravessando os dois Beltas e o Sund juntam a Allemanha á parte insular da Dinamarca e ao reino da península scandinava.

O mar Negro foi tambem delado de um cabo que pôz Sebastopol em distancia de dois minutos de Varna e mesmo de Paris e Londres, apesar das oitocentas leguas que separam esta cidade das duas grandes capitães do Occidente.

Assim caminhando a telegraphia não haverá brevemente mais um canto no mundo em que a voz do homem quasi immediatamente não se faça ouvir.

Hoje o fio electrico pode ser collocado até as sombrias profundidades do Oceano, percorrendo distancias consideraveis.

Esta grande empreza já foi tentada.

Dois navios inglezes, o *Agamemnon* e o *Niagara* a 10 de Junho de 1858 partiram com este fim de Plymouth, levando cada um 1500 milhas de cabo e uma machina de novo sistema para as faltas que houvessem.

Teve a expedição logo em principio de lutar com temporaes que duraram nove dias. No oitavo os dois navios perderam-se de vista, para se se encontrarem no nono.

A 26 a esquadrilla chegou ao ponto central, e logo operou-se a primeira soldadura do cabo dando-se começo a immersão, que já tendo um comprimento de duas milhas soffreu uma ruptura em consequencia de um accidente no *Niagara*.

Isto não desanimou: deu-se principio de novo á immersão e quando cada um dos navios já haviam percorrido quarenta milhas conheceu-se que a corrente estava outra vez interrompida.

A immersão porem reconheceu ainda com tal prudencia que promettia assegurar o resultado. Todos lisongeavam-se ja da resolução do problema: infelizmente depois de 150 milhas terem sido percorridas pelo *Niagara*, chegou como um raio a fatal noticia de que todo aquelle trabalho mais uma vez achava-se perdido.

Aquella experiencia custara perto de 500 milhas de cabo, e poder-se-ha fazer idéa dos prejuizos pecuniarios recordando que cada milha de cabo custa perto de 100 libras esterlinas.

Tudo era para desesperar: a sciencia porém não é facil de vencer-se; tem fé em si, os obstaculos podem demorar a sua marcha, mas não a delem.

Um mez não se tinha ainda passado depois destas desastrosas tentativas quando, a 25 de Agosto de 1858, uma grande noticia echoou nas margens do Tamisa. Nas praças, nos cafés, em toda a cidade não se ouvia sinão estas palavras: *Os signaes são perfectos!* Era a sublime victoria alcançada pelo genio paciente do homem sobre difficuldades que ao principio parecem invenciveis: era a realisação de uma utopia. O *Agamemnon* prendia ao solo da Irlanda a extremidade do fio que o *Niagara* pela sua outra extremidade fixava em terras da America!

Vrs.

O templo e o cemiterio.

I.

A religião dos primeiros seculos, obscurecida pelo mytho e pela superstição, é um labyrintho inextricavel — cujo fio quebrando-se á cada passo abandona o observador no dedalo sombrio das profundas trevas que o envolvem.

Formando o homem, o Criador gravou em sua alma uma lei immutavel e eterna — a fé. Deslumbrado ante a maravilhosa architectura do universo — contemplando o céu crivado de brilhantes astros — admirando a vastidão immensa dos mares, a magestosa vegetação das florestas: acobrunhado sob o peso de tantos prodigios que não comprehendia, nem sabia explicar — creou de mais — idolatrou. Era o cahos da intelligencia, a infancia da humanidade. Desperso em todas as direcções da terra, segundo nos diz a Escritura, o homem prestou culto ao primeiro objecto que mais o impressionou. D'ahi o endeusamento do sol, da lua, e das estrellas, da serpente, e do oceano. D'ahi o Chaldeo, o Persa, o Arabe, o Babilonio, e o Egypteo...

Succederam-se os tempos, e os homens de mais a mais exaltados, tocaram ao mais subido gráo do absurdo e do fanatismo.

Inventaram deuses ferozes aquem immolavam victimas humanas!

Quão incompreensiveis não são os arcanos da Providencia! Criar o homem, abandoná-lo a si mesmo: consentir que se desvairasse de tal sorte e vivesse por tantos seculos mergulhado na mais profunda ignorancia! Nas não; creando-o, deu-lhe a liberdade — o mais precioso, o mais sublime, e o mais doce de todos os seus predicaes.

Fel-o ignorante sim, porem intelligente; fraco porem livre: transgressor, porem crente.

II.

Approximava-se a epoca memoravel em que o Filho de Deus devia descer ao mundo, humanizar-se, e cumprir a sagrada promessa de libertar o genero humano.

Moyses, o mais sabio de todos os legisladores foi o encarregado de livrar os Israelitas do jugo tyrannico dos Pharaós, e guial-o a travez dos mares e dos desertos á terra da promissão, que devia ser o berço de Homem Deus.

Revestido de um poder sobre-natural e miraculoso, o legislador hebreu deslumbrou o povo de que era o chefe, já fulminando-o com o raio, já aterrando-o com o estampido horrisono das alturas do Sinai.

Era assim preciso, para extirpar do animo mobil e supersticioso desse povo as crenças erroneas bebidas na terra do exilio.

Destarte foi elle o verdadeiro predecessor; preparou os alicerces—, lançou os primeiros fundamentos de uma religião benefica, sancta e immorredoura,—o Christianismo. Moyses cultivou o terreno: Jesus Christo regou-o e semeou-o. Moyses e Jesus Christo são os dois pedestres, as duas columnas inabalaveis da verdadeira religião. Moyses é o Pentateuco; Jesus Christo o novo Testamento.

A arvore nascida n'este terreno cresceu, floresceu, e fructificou: seus ramos divinos se estenderão em todas as direcções e continuarão até que possam abrigar á sua sombra todos os membros da grande familia humana.

III.

Ao alvorecer radiante da religião symbolizada na cruz abateu-se o imperio das divindades pagãs. As aras sanguinolentas da mythologia com todo seu cortejo sinistro desabaram para sempre ante esse *fut lux* da intelligencia humana.

Em seu lugar se elevaram templos singelos, revestidos de sanctidade, onde começou-se a sacrificar essa por excellencia — a victima das victimas.

Alli eram sacerdotes nocturnos, que espreitavam as horas mortas da noite para penetrar-lhes o Sanctuario, e subtrahirem á vista de um povo credulo o sacrificio diurno.

Aqui é o ungido do Senhor que invoca em pleno dia o concurso dos verdadeiros crentes a assistir a fiel representação do sacrificio da mais pura das victimas.

Encerrar o corpo sacro-santo do cordeiro immaculado,—acolher em seu recinto sagrado os

fieis que vão tributar-lhe homenagens, e render-lhe adorações, é, julgamos nós, a unica missão do templo christão. Fazel-o representar outro papel é desvirtuar-lhe o fim, desnaturar-lhe a instituição.

Outr'ora a mais atroz perseguição dos imperadores pagãos obrigou os martyres do christianismo a buscarem um azilo nos subteraneos de seus templos para se abrigarem, e ao mesmo tempo depositarem os restos mutilados de seus heróes, e os subtrahirem a profanação de um povo desnaturado.

*Per varios casus per tot discrimina rerum
...Sedes ubi fata quietas*

O tendunt.

Hoje porém que a verdade assumio o seu throno, e o estandarte da cruz tremula no meio de todos os povos, convem fazer representar ao templo o papel que lhe compete, e banir d'elle a celebração de actos profanos, verdadeiros abusos ainda infelizmente conservados.

Todas as cousas devem ter o caracteristico do seu destino.

O templo, por isso que é a morada de Deus na terra, deve symbolisar a grandesa, a magestade e a magnificencia. Sua forma, sua moldura, e o seu acabado devem ter um certo *que* do divino, e de santo expressivos do grande senhor quo o habita.

O recolhimento mais profundo, a veneração e o respeito devem ser inspirados por traços re-passados do que se póde imaginar de mais sublime e grandioso na terra. E' assim quo o concebemos.

IV.

Symbolo do nada das cousas humanas, termo infallivel da peregrinação da vida,—tradução exacta do terrivel *Memento*, é o cemiterio, ao mesmo tempo a revelação de uma grande idéa, unica consoladora, e immarcessivel, que eleva o homem á altura de um Deus. De facto, ide ao campo dos mortos, onde milhares de homens se confundem no pó quo os envolve e vossa alma sentirá inevitavelmente alguma coisa de inexplicavel ao contemplar os infinitos mysterios que elle encerra. Vereis o sumptuoso mausoleo do potentado ao lado da mesquinha campa do desvalido; vereis a desolada viuva carpindo a eterna separação do esposo, e esparzindo sobre seu sepulchro flores tristes banhadas com as lagrimas da dôr e da saudade.

Vereis a Mãe ao lado do tumulo de um filho querido—unico artimo de sua velhice.

Vereis o orphão lamentando a perda irreparavel de um pai, que o deixara reduzido á mais deploravel miseria.

Vereis o amigo abraçado aos ossos myrrhados do amigo.

Vereis essa aléa sombria de cyrestos funestos — imagem das lagrimas e da saudade.

Olhai finalmente, e vereis lá no fundo a tremula e palida claridade de uma luz mortíca — que allumia as faces sangrentas do Christo! Depois — ajoelhai e orai; porque estas coisas todas no eloquente silencio de sua mystica mudez vos dizem uma palavra de infinita significação — a *immortalidade*.

1855

J. B. DE SOUZA ANDRADE.

O collar de perolas.

Herminia de Armor.

III.

Quem poderá descrever o modo porque o amor começa? de que imagem nos deveremos servir para desenhar essa gradação quasi imperceptível de idéas que leva um sentimento, ao principio fugitivo e erradio, a absorver todas as nossas faculdades? Não poderemos acaso comparar todas essas infiltrações de que proveem os transbordamentos do coração com algumas gotas d'agua imperceptivelmente cahindo uma á uma, e no fim de certo tempo enchendo completamente o vase? Ou diremos que são breves minutos, que ligeiramente se escoam sem darmos por tal, até que reunindo-se todos a hora se nos revele? Ou ainda serão esses segretos e primitivos ataques da paixão, de que só mais tarde pretendemos defender-nos, como os surdos e subterraneos passos do inimigo penetrando em uma praça forte, e só revellando a sua presença quando se reconhece vencedor?

Não o sabemos: porém alguma cousa de idêntico passa-se no coração dos amantes, antes que tenham consciencia do que sentem, antes que sua alma sorprendida abertamente se entregue ao seu destino.

Uma saudade, não se sabe de que, uma languida preocupação assenhorcam-se do espirito; o scismar torna-se uma necessidade; o coração se entumescce sem motivo apparente; o cerebro exalta-se com facilidade; uma sombra de mulher transparece por toda parte; o homem estremece ouvindo pronunciar-se um nome; caminha-se por meio de ajuntamentos sem importar o que alli se passa; indifferentemente responde-se ás perguntas dos amigos; dorme-se e desperta-se com a mesma idéa; e uma manhã enfim sente-se o homem possuido desta

sublime abnegação que o faz viver em outra pessoa mais do que em si mesmo, e que se chama — amor.

Isto que deixamos dito foi o que aconteceu a Meriadec desde o momento em que viu Mlle. d'Armor: cahio sob a impressão de uma mesma idéa, e debalde quiz apagar essa lembrança que constantemente e com maior força o vencia: de dia em dia a seductora imagem da nobre donzella gravava-se com raizes mais profundas no seu coração plebeo; e elle nada podia fazer! A philosophia achava-se derrotada; os grandes interesses da politica haviam-se eclipsado; os livros de direito do povo fecharam-se; exgotaram-se os calorosos discursos! Puffendorf e Grotius, adeus! adeus, Plutarco e Rousseau!

Tinha-se operado uma mutação completa, sinão nas opiniões de Emmanuel, nos seus hábitos; o alvo de todos os seus actos agora era sómente um: tornar a ver Mlle. d'Armor.

Singular capricho do amor! Esta mulher cuja existencia alguns dias antes era ignorada, acabava de substituir em um momento todos os calculos e recordações de sua vida inteira.

Parecia-lhe que sua existencia começava do dia em que a tinha conhecido. O tempo que precedera a esse dia não era para elle mais do que um sonho do que confusamente se recordava.

O amor é exclusivista: todos os interesses da terra se amesquinham ante elle. Os que conservam o mesmo contentamento que antes sentiam, e entregam-se da mesma fórma ao trabalho e aos prazeres, dizendo-se amantes, ou enganam ou querem enganar: podem ser homens de bem, mas certamente incapazes d'essa energia das grandes paixões d'onde se derivam as dedicações e os sacrificios quando o sopro da adversidade toca as pessoas a quem se estima.

Na disposição de espirito em que se achava Meriadec, fugindo de seus amigos, e não tomando mais parte nas discussões publicas, todos o julgavam occupado em algum trabalho importante sobre o melindroso estado das coisas, e respeitavam o seu silencio; e assim evitava elle importunas questões, sempre fastidiosas para um coração verdadeiramente enamorado.

Meriadec procurava sempre os logares onde a esperança lhe desse probabilidades de fazel-o encontrar-se com Mlle. d'Armor. Si alguma vez isto acontecia, quanto se não julgava elle feliz, por obter um seu gracioso olhar, notando a subita vermelhidão que coloria as suas lindas faces! Entre os seus corações parecia já existir occulta intelligencia; e quando passeando ao braço do seu irmão elle a via conversar, quantas vezes pareceu-lhe ler o seu nome nos labios, embaldando-se assim no berço de todas as illusões do amor!

Sentado uma manhã, em um dos bancos do Mall, Emmanuel pensava nos meios de poder fallar com a filha do conde; enquanto dava assim livre curso ás suas phantazias, vio approximar-se um antigo commandante de navio com quem outr'ora, quando entretinham relações elle conversava tempo esquecido, ouvindo a historia de suas campanhas sob o commando do conde de Estaing e de La-Motte-Piquet, e fazendo-lhe em troca a leitura de algumas obras escolhidas.

Esse commandante hoje acha-se cego e anda arrimado ao braço de um criado.

Meriadee já conhecia todas as aventuras do Sr. d'Estouteville, ora este o seu nome: sabia que eram ellas a unica cousa que o interessava e por isso logo que reconheceu que vinha sentar-se junto de si, preparou-se para retirar-se a fim de proseguir com liberdade nos seus pensamentos amorosos. O velho porém deteve-o, dizendo que o não incommodaria mais, por isso que já tinha substituído o seu leitor por uma amavel e interessante leitora.

Esta palavra leitora surpreendeu Emmanuel. Porque? por um desses presentimentos que só se podem attribuir a um ente superior que nos illumina nos principaes acontecimentos da vida.

Emmanuel pediu com instancia ao velho que lhe dissesse o nome desta leitora:

— Herminia d'Armor é o seu nome, respondeu o velho. Ainda não ouviu fallar no seu espirito e na sua formosura.

— Sim, do seu espirito já ouvi, e conheço a sua formosura. Mas deixe-me sentar por alguns instantes mais; ha tanto tempo que não conversamos!

— A culpa é sua, replicou o velho; gasta todo o tempo em publicar brochuras que dizem ser mui virulentas, sacrificando assim pelas suas victorias populares a companhia dos amigos e quem sabe si os interesses do paiz!

O Sr. de Estouteville ignorava ainda o duello de que já demos noticia, e por isso não fallou d'elle. Por nossa parte não repeliremos tambem os conselhos que deu ao seu joven amigo, para nos occuparmos da conversação que se seguiu habilmente conduzida por Emmanuel.

— Então conheço muito de perto o conde d'Armor?

— E' um dos meus amigos de infancia; vem a Rennes por occasião das camaras, e este anno trouxe consigo e a meu pedido Herminia, minha afilhada, a quem infelizmente já não posso vêr, porque estou cego...

— E eu lamento-lhe por isso, meu amigo, porque ella é realmente bella.

Nunca vi (então podia ainda vêr!... criança mais interessante nem mais linda do que ella: era tão alva que a fizemos baptizar por

Herminia...—Conhece o symbolo que a nossa Bretanha tomou por divisa, e que acha-se representado em todos os nossos antigos brazões com esta legenda *Por toda vida*, significando que se deve preferir a morte á deshonra?

— Sem duvida é este tambem o modo de pensar de Mlle. d'Armor?

— Sim, ella nasceu na Bretanha e a sua divisa é a do nosso paiz.

(*Continúa.*)

Revista de theatros.

SUMMARIO:—S. JANUARIO: PEDRO (estréa do Sr. Furtado:)—GYMNASIO:—Uma carta do Sr. Bittencourt da Silva.

Estamos em festas e como que os theatros se apostaram para não nos darem novidade alguma.

Não ha situação apathica no sentido absoluto da palavra; ha mesmo movimento, mas não ha noticia importante ou facto notavel.

E' verdade que no curto espaço de uma semana, uma exigencia assim é pouco justificavel; mas nestes ultimos tempos os theatros acostumaram-n'os a isto; e o costume, conforme o proverbio, faz lei.

Entretanto confesso que um egoismo puramente physico, ou por outra, um instincto de conservação faz-me ver um céu cor de rosa neste céu de cousas velhas. A estação tem sido violenta, e um calor tropical dá aos membros certa tendencia ao repouso, e transforma com facilidade um simples chronista em turco de bom gosto com visos de papa Alexandre VI.

Esta tirada equivale a dizer que me canso horivelmente no escrever destas paginas em um tempo como este. Evidentemente se o meu folhetim nunca teve um prestimo serio, goza agora da qualidade notavel de suadouro.

Mas acceitam por acaso esta desculpa?

Acima dos furores da estação e das minhas tendencias orientaes está o dever, o implacavel dever de relatar os factos do theatro.

Vamos lá.

Atado a esta rocha fatal chamada folhetim, inerte Prometheu como sou, nem tenho ao menos um coro de Oceanidas para consolar-me no infortunio.

Tenho o theatro que me chama.
Vamos ao theatro.

No Gymnasio nada de novo se tem dado. Repetio-se ainda o *Romance de um moço pobre* que continua a ser bem recebido.

Houve em um dos dias da semana no Gymnasio um concerto instrumental dado pelos irmãos Grownstein.

Ouvi ainda uma vez o joven Carlos Schram fazer brillaturas nas suas teclas, e mais ainda um *duo* admiravel de harpa e contrabaixo. Este instrumento foi executado pelo Sr. Anglais.

O Sr. Anglais é um artista de merito. Entre-gou-se com afincio exclusivo ao estudo do seu contrabaixo, e faz verdadeiros milagres de musica com o arco. Confesso que é uma das cousas mais admiraveis que tenho visto nesse genero.

Acabo de assistir, ha meia hora, á estréa do Sr. Furtado Coelho no theatro de S. Januario. O drama escolhido foi o *Pedro de Mendes Leal Junior*.

E' muito conhecido esse drama para que me occupe em uma narração esteril do entrecho. Casa-se perfeitamente no meu espirito a idéa vigorosa dessa bella composição. Separo-me talvez em alguns pontos na maneira de vestir o pensamento.

O que se nota sobre tudo no *Pedro* é a tendencia liberal que tem tomado recentemente os vultos novos da litteratura.

O nome illustre de um conde que cahe para dar lugar ao nome do talento obscuro que se levanta, é o pensamento do drama e constitue para mim um symbolo. E' a democracia do talento que reage sobre a nobreza do brasão, um elemento poderoso que procura supplantar uma força gasta.

Com esta combinação os choques dramaticos são de completo effeito. E' assim que o illustre poeta preenche os dois fins do drama: o fim puramente da arte, e o effeito philosophico.

Os artistas encarregados do desempenho como que se sentiam vacillantes e incertos. Na

segunda representação é de suppor que estejam mais seguros de seus respectivos papeis.

O Sr. Furtado Coelho já é conhecido nesse papel, que eu considero um dos seus melhores factos no theatro. Tem a sua fibra artista mais desenvolvida nos typos de altivez, nos caracteres frisantes do orgulho intellectual. *Pedro e Henrique Soares* alem de outros, são por isso dois papeis felizes nas mãos do artista.

Consta-me que a Sra. Eugenia Camara está contractada nesse theatro onde deve estreiar brevemente. São duas novidades que eu não contava dar aos leitores, tão pouco esperava eu por ellas.

Uma novidade ainda.

Acabo de ver uma carta dirigida pelo collaborador deste jornal, o Sr. Bittencourt da Silva, ao actor Joaquim Augusto, do Gymnasio.

E' uma bella peça escripta com precisão e clareza, e verdadeiramente inspirada pelo raro trabalho do artista que nos mostrou o octogenario Laroque do *Romance de um moço pobre*.

Na minha revista passada fallei já desse intelligente artista e da sua admiravel creação, e como todos os que o viram não me canso de vê-lo nem de fallar nelle.

Com a sua entrada para o Gymnasio, o Sr. Joaquim Augusto, veio mostrar-nos a transfiguração de uma voacção erradia outr'ora em um clima que lhe não convinha, e que forçosamente lhe nullificava a aptidão e a intelligencia.

Artista consciencioso, aperfeiçoado pelo estudo e pela observação, não podia viver na luz melancolica que um quadro envelhecido lhe podia dar; o romantismo não se accordava com a sua fibra dramatica; chamava-o uma outra escola, uma outra platéa.

Ea que tão crente sou nos effeitos beneficos da rampa, regosijo-me sempre que uma garantia de futuro vem assentar assim sobre o tablado.

A carta do Sr. Bittencourt da Silva é a reunião calma dos pensamentos que se agitam perdidos, cada noite, em uma platéa turbada.

No album de minha afilhada Branca Rosa
Americana.

Conto.

Uma abellha disse á rosa :
— A' rainha do vergel
A sultana da colmêa
Traz um beijo todo mel. —

— Pois acceito, disse a rosa,
O teu beijo todo mel. —
A sultana beija os seios
Da rainha do vergel.

Procurando o doce beijo,
A rainha do vergel,
Em seus seios resequidos
Não achou gota de mel !

Ai ! .. mal disse. E morre á mingoa
Das doçuras do seu mel !
E a sultana da colmêa
Rio da incauta do vergel...

Innocente, não te esqueças
Da rainha do vergel :
As abelhas fazem favos
A' custa de alheio mel !

185...

BRUNO SEABRA.

Jacques Rolla.

(Fragmento de uma versão.)

Oh Christo ! não me arrastam
As supplicas ferventes
Ao templo, em passo tremulo,
Quebrando-lhe a mudez.
Oh Deus ! não sou daquelles,
Que vão ao teu calvario
Com labio arrependido
Beijar-te os rolos pés !

—
Eu permaneço immobíl
No portico sagrado,
Em quanto, sob as naves,
O povo teu leal
Se accurva, ciciando
Ao salmoear da igreja,
Como ao roçar do norte
Ciefa o canaveal.

Não creio, não, oh Christo !
No verbo teu divino :
Nasci tarde no mundo,
Que o brumo corrompeu.
O tempo nú de esp'rança
Dá seculos sem crenças ;
Septentrionaes cometas
Varreram todo o céu.

—
E agora o dubio acaso
Agita na penumbra
Das illusões, que imperam,
O mundo no stertor ;
E a alma do passado,
Errando em seus destroços,
Empurra ao pégo eterno
Os anjos do Senhor !

—
Os cravos do teu Golgotha
Apenas se sustentam ;
De sob o teu sepulchro
O astro-rei fugio ;
Morreu-te a gloria, oh Christo !
De sobre o lenho d'ebano
O teu cadaver santo,
Desfeito em pó... caio !

—
Ai ! seja permittido
Beijar-lhe as puras cinzas
Ao filho menos crente
De um seculo sem fé !
E prantear, oh Christo,
No mundo que remido
Viveu da tua morte,
E morre... e não te vê !

Rio, 1859.

ERNESTO CIBRÃO.

Vem !

(A M...)

Eu quero o teu amor.

G. de Abreo—Primaveras.

E' doce no cahir da tarde amena,
Ouvir os cantos que no bosque echoam ;
E' doce ouvir as juritis que choram,
E ver as aves que no espaço voam.

E' doce ouvir o sussurrar macio,
Da brisa perfumada da mangueira :
Sentir o peito entumescer-se em goses...
Enlevar-se na terra brasileira.

Oh! que é bem doce! Ver passar-se a vida
N'uma aurora de magica harmonia...
Aspirar os perfumes das violetas ..
Sentir o peito cheio de poesia. .

Mas, é mais doce ainda pela tarde
Ouvir—qual sabias que soltam hymnos,
Tua voz—melodia dos archanjos,
Tua voz—oh! mulher, de sons divinos!...

Oh! é mais doce que essas brisas ternas
Ouvir os teus suspiros anhelantes. .
Sentir nas faces, teus cabellos d'ouro...
Pensar nesses teus seios palpitantes!...

Oh! é mais doce ver teus olhos ternos
Diser frases de amor... muitas ternuras!..
Sentir nos meus—teus labios anhelantes...
E, morrer n'um delirio de venturas!...

Oh! vem, anjo de Deus! Vem! que minh'alma
E' como a flor nos planos do deserto!
Vem ser della o orvalho matutino,
E's o sonho de amor que vi de perto!

Oh! vem! minha alma agora sonha a vida...
Oh! vem! minha alma agora é toda flores...
Oh! vem! minha alma sonha sonhos d'ouro...
Vem! mulher! trazer-me os teus amores!...

Dezembro 9 de 1859.

A. CUNHA.

Mosaico.

Um desses poetas muito entusiasmados com suas produções, levou a Piron um volumoso caderno de versos para que elle o examinasse, assignalando cada defeito com uma cruz. Dias depois Piron entregou-lhe o manuscrito.

— Pois que, senhor! nenhuma cruz? exclamou o poeta regosijado e satisfeito.

— Nem uma cruz, sim, respondeu o autor da *Metromania*. Queria que eu fizesse de sua obra um cemiterio.

Um fatuo apresentava em uma casa um rapaz, cuja phisionomia commum nada prevenia em seu favor. Pensando chacotear com o outro, o introductor disse ás pessoas que se levantaram para recebê-lo

— Tenho a honra de apresentar-lhes o Sr... que não é tão tolo como parece.

— E' verdade, minhas senhoras, respondeu logo o outro; é esta a differença que ha entre mim e o meu amigo.

F fallava muito mal de ti, dizia a alguém a um homem que sabia conhecer com quem lidava.

— Admira, respondeu este; por que nunca lhe fiz obsequio algum.

Fontenelle estava na Opera, em Paris, e tinha nessa occasião cem annos. Um inglez entra-lhe pelo camarote e diz:

— Vim de proposito de Londres para ver o autor de *Thetis e Peleu*.

— Pois, senhor, respondeu Fontenelle; dei-lhe bastante tempo para isso.

Luiz XV passando pelos granadeiros de sua guarda, disse ao embaixador de Inglaterra, que o acompanhava:

— Esta é a gente mais intrepida do meu reino. Não ha um alli que não esteja coberto de feridas.

O lord respondeu:

— E o que dirá V. M. dos outros que os feriram?

— Esses morreram! bradou um dos granadeiros.

O principe de Metternich mandou pedir um dia um autographo a Jules Janin. Este pega na penna e escreve na pagina do album que lhe apresentaram: « Vale cincoenta garrafas de Johannisberg. »

Dizem que o principe satisfaz a esta lembrança espiíituosa.

Tinha-se acabado a representação da tragedia *Les Illinois*. Ao sair do theatro o autor encontra com Lemierre que trazia o lenço na cara, e disse-lhe:

— Então, chorou?

— Nada; suei.